

## ESTUDO SOBRE JEJUM

Texto Base: Isaías 58.

### 6º dia. Versículos 11 e 12:

*“O Senhor te guiará continuamente, fartará a tua alma até em lugares áridos e fortificará os teus ossos; serás como um jardim regado e como um manancial cujas águas jamais faltam. Os teus filhos edificarão as antigas ruínas; levantarás os fundamentos de muitas gerações e serás chamado reparador de brechas e restaurador de veredas para que o país se torne habitável” – Almeida Revista e Atualizada*

Os versículos de hoje continuam relatando as bênçãos de se cumprir as exigências dos versículos 9 e 10a. É interessante perceber que os versículos de hoje estendem as bênçãos de Deus para a nação daqueles que praticavam o jejum. Esse país é o Reino de Deus. A maioria dessas interpretações, hoje, é mais espiritual e profética do que física. Vejamos:

**“O Senhor o guiará constantemente”** (Nova Versão Internacional): Deus está nos guiando desde o momento em que Ele falou qual era o verdadeiro jejum. Muitos fazem jejum para entender o que devem fazer em determinadas situações, qual o propósito de Deus para suas vidas, entre muitas outros pedidos de direção, mas o texto é claro ao afirmar que para Deus nos guiar devemos ser obedientes, tirar o foco de nós mesmos e servir aos outros. Mudar nossa mentalidade de uma falsa humildade para humildade genuína.

Uma das maneiras de Deus trabalhar conosco é como um pastor de ovelhas, que Davi descreve no Salmo 23. Em João 10, Jesus afirma ser o Bom Pastor, e diz que *“as ovelhas ouvem sua voz”* (João 10.3). Essa é uma característica importante dos filhos: ouvirem a voz do Senhor e obedecerem! Quem assim fizer, será guiado por Deus constantemente. Quem não ouvir não está sendo ovelha de Deus, logo, não será guiado por Ele. Deus está guiando através das diretrizes de Isaías 58, agora obedecer ou não é uma escolha. Temos um exemplo clássico do que acontece quando o Senhor guia pessoas que não querem segui-lo, que é o povo na saída do Egito. Foram guiados (cf. Exôdo 13.21) diariamente, constantemente, mas não queriam ouvi-lo, desobedeceram, criaram ídolos e, pelo pecado, pereceram no deserto.

**“Fartará a tua alma até em lugares áridos”**: lugares áridos, ou desérticos, significam momentos de provas, em que geralmente estamos sós. O alimento é escasso, a água é rara, ou seja, situações adversas até mesmo para nossa sobrevivência. Mas Deus está conosco, o nosso socorro. Ele promete que nossa alma estará farta, ou seja, estaremos empanturrados, quase explodindo de tanto alimento. Muitas pessoas reclamam do lugar aonde estão, geralmente da igreja e do pastor, afirmando que estão morrendo, definhando, por não terem alimento, e então decidem sair e ir para outro lugar. O que esse texto mostra é que isso não é desculpa, uma vez que Deus deve fartar nossa alma, e não um homem.

Ontem vimos que devemos abrir nossa *“alma para os famintos”*, ou seja, dar o apoio espiritual aos que precisam. Esse alimento que daremos só pode vir de um lugar: do Senhor. Se não estivermos sendo alimentados, não poderemos alimentar.

**“fortificará os teus ossos”**: fortificará vem da raiz hebraica *chalats* (Strong nº 2502), e alguns dos significados são: *“ser equipado para a guerra, armar para guerra, fortalecer, animar”*. O radical da palavra para ossos, *’etsem* (Strong nº 6106), pode significar tanto o corpo exterior, físico, quanto o nosso ser. Dessa forma, Deus está afirmando que irá nos preparar como a um soldado, nos equipar, fortalecer, tanto espiritualmente quanto fisicamente. Estaremos com cada vez mais disposição para caminhar e cumprir o que Ele deseja.

**“serás como um jardim regado e como um manancial cujas águas jamais faltam”**: Jardim representa crescimento e fertilidade. Um jardim bem cuidado e regado está sempre belo, a maior parte do tempo com muitas flores e cheiroso. Traz paz, tranquilidade, é agradável aos olhos. Assim seremos, um odor que não vem de nós e que atrai as pessoas a algo diferente, a Deus.

Também afirma sobre sermos fonte de águas que jamais faltam. É o que Jesus disse em João 4.14 a todos que beberem da água que Ele dá. Água é vida, e com a água do Senhor nunca mais teremos falta, nunca mais teremos sede.

Percebam que as bênçãos que Deus está concedendo é para permitir que possamos dar ainda mais para os outros, e não ficar com tudo para nós. Essa é a grande diferença entre as duas sessões de bênçãos desse capítulo: a primeira é mais pessoal, enquanto essas são mais globais, recebemos para dar. Deus só sabe se pode confiar em nós algo para compartilhar com os demais se formos fiéis e obedientes ao que ele pede, e é o que Ele está mostrando nesse capítulo.

**“Seu povo reconstruía as velhas ruínas”** (Nova Versão Internacional). Esse verso nos enche de esperança! O povo, os filhos, a geração daqueles que praticam o verdadeiro jejum irá, e isso é uma promessa de Deus, “reconstruir as velhas ruínas”. E quanto a nossa sociedade precisa disso! Se não todos, a maioria dos valores que nos fazem humanos estão completamente arruinados. O amor foi banalizado em sexo por puro prazer, ruína; A fé tornou-se meio de lucro para pregadores desonestos, ruína; A esperança deu lugar ao medo, de ser assaltado, de perder o emprego, de ser traído, ruína; O homem, que antes era medido por seu caráter, agora é avaliado segundo os bens que possui, as roupas que veste, os dígitos em seu contra-cheque, ruína. E gastaríamos volumes inteiros aqui sem encontrar todos os valores que um dia foram caros para o homem e que hoje foram completamente arruinados. A esperança do nosso mundo é que se levante uma geração de pessoas que entendam e pratiquem o “jejum que agrada a Deus”, não um ritual exterior e infrutífero, não a repetição inflexível de dias sem comer ou beber, mas uma profunda conversão a Deus que implique na mudança de atitudes em relação ao próximo. Os que jejuam de verdade são a esperança de um mundo melhor, são o projeto do Senhor para a restauração das ruínas desse nosso mundo perdido.

**“restaurará os alicerces antigos”**: (Nova Versão Internacional). Alicerces falam de fundação, ou seja, a base de sustentação. Quando restauramos algo o deixamos mais forte, o renovamos, o revigoramos, ou seja, damos uma nova força. É o que temos entendido para esses dias mais do que nunca, uma restauração das bases do cristianismo, das bases da nossa fé, que com o tempo foram restauradas de maneira errada ou ignoradas. Nós, que temos sido estabelecidos por Deus, temos obrigação de ajudar aos que estão ao nosso redor a também estar alicerçados de maneira correta, como diz Hebreus 12.22: *“Portanto, fortaleçam as mãos enfraquecidas e os joelhos vacilantes. Façam caminhos retos para os seus pés, para que o manco não se desvie, antes, seja curado”*. É nossa responsabilidade cuidar do Reino de Deus e todas as pessoas que Ele colocar em nosso caminho.

**“e serás chamado Reparador de brechas, Restaurador de caminhos, para que se possa habitar”** (Bíblia de Jerusalém). Essas bênçãos estão diretamente ligada com as anteriores, sendo uma consequência delas. O reconstrutor que Deus abençoa em Isaías 58, quando reconstruir as velhas ruínas, estará fechando brechas e restaurando caminhos. Dessa forma, estará criando um lugar

habitável, aonde as pessoas poderão morar sem se preocupar. Quando falamos de muros estamos nos referindo à proteção de Deus. Se em algum momento nós permitimos que aja algum buraco nessa proteção, as chamadas brechas, estamos correndo risco de, por ali, sermos derrotados. Temos que sempre procurar se há algo que Deus não tem se agradado e que pode prejudicar nosso relacionamento com Ele. Quanto à caminhos, o texto de Hebreus 12.22 acima trata um pouco. Algumas pessoas podem estar enveredando por lugares ruins, passando por dificuldades ou caminhos que levem à morte, e ao restaurar os alicerces, esses caminhos também serão restaurados. Com tudo isso, um lugar habitável estará pronto, ou seja, um lugar de descanso e segurança. Um lugar que outrora estava destruído mas, agora, está reconstruído, pronto para nos abrigar.

## A Prática do Jejum pela Igreja

Faremos uma pausa aqui no texto de Isaías para estudar um pouco do que significava o jejum para a Igreja primitiva. É importante frisar que o jejum que agrada a Deus trata de uma profunda mudança interior e exterior, uma conversão de fato aos valores do Seu Reino Eterno. Gastamos os últimos dias falando sobre essa mudança, falamos muito sobre o que *não* é jejum, e parece-nos que o ritual do jejum foi completamente abolido. Contudo, por mais que isso pareça óbvio através do texto de Isaías 58, as coisas não são bem assim. A Igreja Primitiva praticava o jejum e existem testemunhos diretos na Escritura que nos obrigam a afirmar isso como um fato. Assim sendo, uma vez inteirados do que realmente quer dizer o jejum, como uma realidade quotidiana de piedade e devoção a Deus e a seus preceitos, podemos falar do que se tratava efetivamente o ritual do jejum. Para isso vamos fazer uma retrospectiva dos primeiros três séculos da Igreja, analisando apócrifos e documentos que formaram o pensamento dos primeiros crentes, e por fim chegaremos ao que nos diz o livro de Atos.

O jejum assumiu certa importância na Igreja depois da morte dos apóstolos. Tanta importância que foi uma das características de duas das mais terríveis heresias do cristianismo primitivo. Marcião, que viveu entre os anos 85 e 160 da nossa era foi o primeiro a deturpar o entendimento do jejum. Marcião e seus seguidores eram ascetas (pessoas que pregavam o sofrimento como forma de se aproximar de Deus) rígidos. Pregavam um rigorismo estrito, negavam o direito ao matrimônio e formulavam normas muito austeras para o jejum. Durante os séculos II e III muitos grupos heréticos afirmavam que o matrimônio era satânico e similar à fornicação. Seus seguidores falavam do corpo como se fosse um ninho de pecados. Foi ele o primeiro a encarar o jejum como método de purificação do corpo, embora essa idéia não fosse dele. Várias religiões e seitas orientais, sobretudo as vindas do Irã com fortes influências indianas, como o Zoroastrismo, o Mitraísmo e o Maniqueísmo, pregavam que a carne estava condenada a destruição, e a única maneira de chegarmos mais perto de Deus era através do jejum. Por volta do ano 150 surgiu então outra seita cristã que pregava essas idéias: o montanismo, que surgiu na Frígia (hoje Turquia). Montano afirmava que o último e mais elevado estágio da revelação já fora atingido. Chegara a era do Paracleto (Espírito Santo), que falava através de Montano, e que se caracterizava pelos dons espirituais, especialmente a profecia. Montano e seus colaboradores eram tidos como os últimos profetas, trazendo novas revelações. Eram ortodoxos no que diz respeito à regra de fé, mas afirmavam possuir revelações mais profundas que as contidas nas Escrituras. Faziam estritas exigências morais, tais como o celibato (quando muito, um único matrimônio), o jejum e uma rígida disciplina moral. Portanto, se hoje vemos pessoas que dizem ter o dom profético pregando o jejum como purificação para se ouvir melhor a voz de Deus, devemos isso a Montano e seus seguidores. Essas duas heresias preocuparam os principais líderes cristãos da época, então começaram a surgir escritos que procuravam explicar sobre o verdadeiro jejum, alguns bons, outros nem tantos.

Vamos começar por Tertuliano, um pensador (no melhor estilo greco-romano) que se converteu ao cristianismo em Cartago, na África, no século III da nossa era. Em seu *“Tratado Sobre Oração”* ele nos dá pistas de como a Igreja daquele tempo encarava o jejum:

Vejamos agora um outro costume que prevaleceu. Põem-se alguns a jejuar, participam da oração com os irmãos, mas no fim, se esquivam do ósculo da paz que é justamente o selo da oração. – **XVIII, 1.**

Nos dias de jejum e das chamadas estações, a oração não é acompanhada de genuflexões [ficar de joelhos] ou gestos costumeiros de humildade. Com efeito, não nos limitamos a orar, mas também rogamos perdão e procuramos dar satisfação ao SENHOR, nosso Deus. – **XXIII, 4.**

A constatação desses escritos é que já no século III, data desse documento, os cristãos tratavam o jejum como um ritual, ao ponto de até recusarem-se a beijar seus irmãos nos dias em que observavam o jejum. O capítulo XXIII é particularmente triste, já que mostra que o ato de jejuar era tão religioso quanto ficar de joelhos durante uma oração.

Retrocedendo no tempo e buscando mais proximidade com os tempos apostólicos, encontramos provavelmente as raízes do pensamento disseminado por Tertuliano, a *Didache*, ou *“A Doutrina dos Apóstolos”*, um apócrifo que por algum tempo foi considerado como tendo valor semelhante a Bíblia. Vejamos o que nos tem a dizer sobre o jejum:

Antes de batizar, tanto aquele que batiza como o batizando, bem como aqueles que puderem, devem observar o jejum. Você deve ordenar ao batizando um jejum de um ou dois dias. – **VII, 4.**

Os seus jejuns não devem coincidir com os dos hipócritas. Eles jejuam no segundo e no quinto dia da semana. Porém, você deve jejuar no quarto dia e no dia da preparação. – **VIII, 1.**

Os historiadores datam a *Didache* entre os anos 65 e 150 da era cristã. Assumindo a data de 150 como correta, dados os documentos que vamos analisar logo a seguir, entendemos um pouco do mecanismo ritual que hoje significa o jejum para a maioria dos cristãos. O “Jejum dos hipócritas” do capítulo VIII era aquele praticado pelos fariseus dos tempos de Jesus. É até irônico que para não se assemelhar ao jejum religioso que Jesus condenou naqueles homens, esse documento ordene apenas dias diferentes para a mesma prática.

Mas as coisas não eram tão ruins quanto parece. Havia um problema na Igreja pós-apostólica em relação ao combate das heresias. Sempre que surgia algo ruim os líderes logo se preocupavam em criar dogmas, ou seja, regras absolutas e inflexíveis para que as idéias erradas não mais se propagassem. Só que muitas vezes, por questões políticas, ou seja, para não perder muita gente para as seitas, esses dogmas incluíam alguns tópicos que eles pretendiam combater. Foi isso que vimos em Tertuliano e na *Didache*. Voltando um pouco no tempo, antes de Marcião e Montano, vamos encontrar alguma pureza doutrinária e algo que pode até nos ajudar a entender como funcionava o jejum para a Igreja dos primeiros tempos.

Um apócrifo muito importante, e que quase chegou a ser considerado parte de nossas bíblias (de fato o foi por um bom tempo), ensina

muito sobre jejum. Chama-se “O Pastor de Hermas” e é uma visão profética de Jesus:

Eu jejuava, sentado sobre um monte, e agradecia a Deus tudo o que ele fizera por mim. Então vi o Pastor sentado junto de mim, dizendo: “Por que vieste aqui tão cedo?” (Eu respondi:) “SENHOR, porque estou montando guarda.” Ele perguntou: “Que quer dizer guarda?” Eu respondi: “SENHOR, estou jejuando.” Ele continuou: “E que jejum é esse que estás fazendo?” **Eu respondi: “SENHOR, eu jejuo por costume.” Ele disse: “Não sabes jejuar para o SENHOR, e esse jejum que fazes é sem valor.”** Eu perguntei: “SENHOR, por que dizes isso?” Ele explicou: “Digo-te que não é jejum esse que imaginas fazer. Eu te ensinarei, porém, qual é o jejum agradável e perfeito para o SENHOR.” Eu disse: “Sim, SENHOR. Tu me farás feliz, se eu puder conhecer o jejum que agrada a Deus.” Então ele explicou: **“Escuta. Deus não deseja esse jejum vazio. Com efeito, jejuando desse modo para Deus, não farás nada para a justiça. Jejuo do seguinte modo: Não faças nada de mau em tua vida e serve ao SENHOR de coração puro; observa seus mandamentos, andando conforme seus preceitos, e que nenhum desejo mau entre em teu coração, e crê em Deus. Se fizeres isso e o temeres, abstendo-te de toda obra má, viverás em Deus. Se cumprires essas coisas, farás um jejum grande e agradável ao SENHOR”.** – Quinta Parábola, 54, 1-5.

**Se os mandamentos do SENHOR são observados, teu jejum é muito bom.** Eis como observarás o jejum que queres praticar: Antes de tudo, guarda-te de toda palavra má, de todo desejo mau, e purifica teu coração de todas as coisas vãs deste mundo. Se observares isso, teu jejum será perfeito. **E jejuarás do seguinte modo: depois de cumprir o que foi escrito, no dia em que jejuares, não tomarás nada, a não ser pão e água. Calcularás o preço dos alimentos que poderias comer nesse dia e o porás à parte para dar a uma viúva, a um órfão ou necessitado e, desse modo, te tornarás humilde.** Graças a essa humildade, quem tiver recebido ficará saciado e rogará ao SENHOR por ti. Se jejuares como te ordenei, teu sacrifício será aceito por Deus, teu jejum será anotado, e o serviço, assim realizado, será bom, alegre e bem acolhido pelo SENHOR. Observarás isso com teus filhos e toda a tua família. Desse modo, serás feliz, e todos os que ouvirem esses preceitos e os observarem, serão felizes e receberão do SENHOR as coisas que pedirem”. – Quinta Parábola, 56.5-9.

Na primeira parte da parábola, Hermas está jejuando “por costume” e o “Pastor”, Jesus, aproxima-se dele sem cerimônias e condena aquela prática. O ensinamento que “o Pastor” nos trás sobre jejum é muito próximo de tudo que aprendemos até agora, já no capítulo 56 podemos entrever uma parte do que era costume na Igreja Primitiva a respeito do jejum. Calcular o que se deveria comer no dia de abstinência e oferecer a quem realmente necessita. Essa ligação entre caridade e jejum é antecipada na Segunda Epístola de Clemente aos Coríntios:

A esmola é coisa boa para se arrepender do pecado; o jejum é melhor que a oração, mas a esmola é melhor que estes dois. O amor cobrirá uma multidão de pecados, porém a oração feita em boa consciência livrará da morte. Bem-aventurado o homem que tiver abundância destas coisas, porque a esmola quitará o peso do pecado. – XVI.

Clemente era bispo em Roma no início do segundo século, e acredita-se que ele teve contato direto com os últimos apóstolos. O último documento que iremos analisar data do final do primeiro século, é a famosa Epístola de Barnabé, que até meados do século IV era tão importante quanto o livro de Hebreus:

A respeito disso, falou-lhes ainda, “Com que finalidade jejuais para mim,” diz o SENHOR, “como se ouve hoje aos gritos a vossa voz? Não é esse jejum que escolhi,” diz o SENHOR, “não o homem que humilha a si mesmo. Nem quando dobrais vosso pescoço como um círculo, nem quando vos cobris de pano de saco e cinza, não chameis isso de jejum agradável.” Para nós, porém, ele diz: **“Eis o jejum que eu escolhi,”** diz o SENHOR: “Desata todas as amarras da injustiça; desfaz as cordas dos contratos iníquos; envia os oprimidos em liberdade; rasga toda escritura injusta; reparte teu pão com os famintos; se vês alguém nu, veste-o; **conduz para a tua casa os desabrigados; se vês algum pobre, não o desprezes; não te afastes dos membros de tua família.** Então tua luz romperá pela manhã, tuas vestes rapidamente resplandecerão, a justiça irá à tua frente e a glória de Deus te envolverá. Então outra vez gritarás, e Deus te ouvirá. Ao falar, ele te dirá: Eis-me aqui! Isso, se renunciarees a tecer amarras, a levantar a mão, a murmurar, e se deres de coração o teu pão ao faminto e tiveres compaixão da pessoa necessitada.” Por isso, irmãos, o paciente (Deus), prevendo que o povo, que ele preparou através do seu Amado, acreditaria com simplicidade, nos antecipou todas essas coisas, para que nós, como prosélitos, não nos arrebatássemos contra a lei deles. – 3.1-5.

Vejam que ele, como nós, utiliza Isaías 58, numa versão que merece nossa meditação pessoal, uma vez que inclui a exigência de se assistir os membros de nossas famílias.

Amanhã, na conclusão de nossos estudos, abordaremos o testemunho do Novo Testamento a respeito do jejum e sua prática na igreja, como descrito no livro de Atos.

*Seus amigos e irmãos em Cristo Jesus: Emerson e Emanuel.*  
Curitiba: Segunda, 18 de fevereiro de 2008.